



BANHOS ISLÂMICOS E CASA SENHORIAL DOS BARRETO DO LUGAR AO MUSEU

loulé
Aqui e Agora

MUSEU
MUNICIPAL
LOULÉ

CHA TÉCNICA

TULO

anos Islâmicos
Casa Senhorial dos Barreto.
o Lugar ao Museu

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

ália Paulo
Susana Gómez Martínez
Luís Filipe Oliveira
Rui Roberto de Almeida
Alexandra Pires

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Rui Roberto de Almeida
Alexandra Pires
ália Paulo
Ana Rosa Sousa

TEXTOS

Alessandro Lugari
Alexandra Pires
Ana Rosa Sousa
Andreia Rodrigues
Carina Maurício
Catarina Viegas
ália Paulo
Cês Simão
Isabel Luzia
João Sabóia
Luís Filipe Oliveira
Luísa Martins
Luísa Sampaio
Pana Afonso
Marco Fernandes
Marco Sousa Santos
Maria João Revez
Mário Jorge Barroca
Martino Correia
Nuno Proença
Patrícia Mestre

Paulo Gomes
Pedro Pereira
Pedro Silva
Peter Colwell
Ricardo Cabral
Ricardo Costa
Rita Dias
Rui Roberto de Almeida
Sofia Aleixo
Sofia Pontes
Susana Gómez Martínez
Tiago Costa
Victor Mestre

FOTOGRAFIA E IMAGEM

Alexandra Pires
Ana Álvaro López
Ana Luz Resende
Antonieta Canteiro
Atelier VMSA
byAR Augment Your Reality
Câmara Municipal de Loulé
Catarina Viegas
ERA Arqueologia S.A.
Filipa Bernardo
Helga Seródio
Isabel Luzia
João Serrão
Jorge Gomes
Juan Zozaya
Luís Filipe Oliveira
Marco Fernandes
Marco Sousa Santos
Maria João Catarino
Mário Jorge Barroca
Marta Castillo
Martino Correia
Museu Municipal de Loulé
Nova Conservação
Nuno Proença

Patrícia Mestre
Paula Guerreiro
Paulo Beirão
Paulo Gomes
Pedro Pereira
Pedro Silva
Regina Rodrigues
Ricardo Cabral
Ricardo Costa
Rita Dias
Rui Roberto de Almeida
Sofia Aleixo
Sofia Pontes
Susana Estrela
Susana Gómez Martínez
Susana Leal
Tiago Costa
Victor Mestre

REVISÃO EDITORIAL

Rui Roberto de Almeida
Alexandra Pires

DESIGN

TVM Designers

IMPRESSÃO

Gráfica Comercial

TIRAGEM 500 exemplares

ISBN 978-989-8978-29-5

DEPÓSITO LEGAL 525932/23

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi livre opção de cada autor. Os autores são responsáveis pelos seus originais, respeitando a Câmara Municipal de Loulé a sua autoria e não sendo responsável por quaisquer elementos que, de alguma forma, possam prejudicar terceiros.

© Câmara Municipal de Loulé, 2023

loulé
Aqui e Agora

MUSEU MUNICIPAL LOULÉ



UAlg
UNIVERSIDADE DO ALGARVE

POIO INSTITUCIONAL

REPÚBLICA PORTUGUESA CULTURA

PATRIMONIO CULTURAL
Direção-Geral do Património Cultural

RPM
Rede Portuguesa de Museus

ÍNDICE

UM MAGNÍFICO LEGADO PARA O FUTURO!...	9
VÍTOR ALEIXO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOULÉ	
I.	
O ESPAÇO MUSEOLÓGICO DOS BANHOS ISLÂMICOS E CASA SENHORIAL DOS BARRETO	13
1. EM JEITO DE INTRODUÇÃO...	15
DÁLIA PAULO	
2. RAZÕES, PRINCÍPIOS E PERCURSO DE UM PROJETO INTEGRADO, PLURAL E TRANSVERSAL	18
2.1. Da ideia à concretização: o Espaço Museológico	19
DÁLIA PAULO ANA ROSA SOUSA ALEXANDRA PIRES	
2.2. Os desafios no quadro da Reabilitação e Revitalização Urbana do Centro Histórico	27
SOFIA PONTES	
2.3. O lugar e o espaço da memória cultural do quarteirão dos Banhos Islâmicos e da Casa Senhorial dos Barreto em Loulé. Influências do Mediterrâneo, nos contextos da arquitetura vernácula urbana de Loulé: a permanência da memória cultural na miscigenação das configurações comunitárias	33
VICTOR MESTRE SOFIA ALEIXO	
2.4. O projeto de Museografia	61
PEDRO PEREIRA	
2.5. A perceção por todos: a maquete de acessibilidade universal	67
PETER COLWELL JOANA AFONSO PAULO GOMES PEDRO SILVA	

3.	DA DESCOBERTA À VALORIZAÇÃO.	74
	SÍNTESE DAS INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS, DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS, SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA E FASEAMENTO	
3.1.	O local previamente à intervenção arqueológica ISABEL LUZIA ALEXANDRA PIRES RUI ROBERTO DE ALMEIDA	75
3.2.	As campanhas de escavação de 2006-2012 RUI ROBERTO DE ALMEIDA ALEXANDRA PIRES ISABEL LUZIA	79
3.3.	A campanha de 2013-2014 ALEXANDRA PIRES RUI ROBERTO DE ALMEIDA INÊS SIMÃO	161
3.4.	As campanhas de escavação de 2016 e 2018-2019 SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ TIAGO COSTA MARCO FERNANDES	185
3.5.	A fase de obra e as intervenções <i>in situ</i> de 2020-2021 RUI ROBERTO DE ALMEIDA	201
3.6.	A análise e leitura parietal RUI ROBERTO DE ALMEIDA ALEXANDRA PIRES	223
3.7.	O levantamento e reconstrução virtual dos edifícios SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ RICARDO CABRAL MARTINO CORREIA RICARDO COSTA RUI ROBERTO DE ALMEIDA	245
3.8.	A conservação e restauro das estruturas arqueológicas do conjunto dos Banhos Islâmicos e Casa Senhorial dos Barreto, Loulé LUÍSA SAMPAIO PATRÍCIA MESTRE RITA DIAS	269
3.9.	Levantamento e reposicionamento do pavimento da Casa dos Barretos NUNO PROENÇA ALESSANDRO LUGARI CARINA MAURÍCIO MARIA JOÃO REVEZ	279
3.10	Síntese gráfica	289
II.		
	ANTES DO HAMMAM	299
4.	SINAIS DE ROMA EM LOULÉ. UNS POUÇOS VESTÍGIOS, NOVAS PERSPETIVAS	301
	CATARINA VIEGAS RUI ROBERTO DE ALMEIDA	

III.		
	A MURALHA: A SUA (DES)CONSTRUÇÃO	313
5.	DE AL-'ULYÀ A LOULÉ: A ESTRUTURA DEFENSIVA ALEXANDRA PIRES	315
IV.		
	O HAMMAM DE AL-'ULYÀ	339
6.	O <i>HAMMAM</i> , OS BANHOS DA AL-'ULYÀ ISLÂMICA	340
6.1.	O <i>hammam</i> , o cuidado do corpo e a purificação da alma SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ ISABEL LUZIA ALEXANDRA PIRES TIAGO COSTA MARCO FERNANDES ANDREIA RODRIGUES	341
6.2.	O que está num <i>hammam</i> . O <i>hammam</i> na atualidade MARIA CARDEIRA DA SILVA	349
6.3.	O <i>hammam</i> de al-'Ulyà no quadro dos Banhos do al-Andalus SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ TIAGO COSTA MARCO FERNANDES ANDREIA RODRIGUES	353
6.4.	O <i>hammam</i> de al-'Ulyà. Descrição e caracterização SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ TIAGO COSTA MARCO FERNANDES ANDREIA RODRIGUES ALEXANDRA PIRES RUI ROBERTO DE ALMEIDA ISABEL LUZIA	361
7.	OS BANHOS DE LOULÉ, DA CONQUISTA CRISTÃ AO ABANDONO E RUÍNA SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ LUÍS FILIPE OLIVEIRA TIAGO COSTA MARCO FERNANDES ANDREIA RODRIGUES ALEXANDRA PIRES RUI ROBERTO DE ALMEIDA ISABEL LUZIA	377

CASA DOS BARRETOS	395
DOS BANHOS AO PAÇO SENHORIAL DE LOULÉ LUÍS FILIPE OLIVEIRA	397
A CASA SENHORIAL DOS BARRETOS, EM LOULÉ MÁRIO JORGE BARROCA	405
I. O PAÇO SENHORIAL DOS BARRETOS: UM EXEMPLO DA ARQUITETURA CIVIL DO ALGARVE DE QUATROCENTOS MARCO SOUSA SANTOS LUÍS FILIPE OLIVEIRA	423
II. DEPOIS DA CASA DOS BARRETOS... ATÉ AO LARGO D. PEDRO I	461
I. AS OUTRAS VIDAS DO LUGAR EM ÉPOCA TARDO-MODERNA E CONTEMPORÂNEA ALEXANDRA PIRES JOÃO SABÓIA LUÍSA MARTINS	463
III. A EXPOSIÇÃO	479

2.3. O LUGAR E O ESPAÇO DA MEMÓRIA CULTURAL DO QUARTEIRÃO DOS BANHOS ISLÂMICOS E DA CASA SENHORIAL DOS BARRETO EM LOULÉ

INFLUÊNCIAS DO MEDITERRÂNEO, NOS CONTEXTOS DA ARQUITECTURA VERNÁCULA URBANA DE LOULÉ: A PERMANÊNCIA DA MEMÓRIA CULTURAL NA MISCIGENAÇÃO DAS CONFIGURAÇÕES COMUNITÁRIAS

VICTOR MESTRE¹ | SOFIA ALEIXO²

2.3.1. INTRODUÇÃO

A cultura gerada no Mediterrâneo ao longo de milénios, constituirá um incontornável referencial de memórias acumuladas dos povos que dele dependeram ou, simplesmente, com ele se relacionaram. Alguns estabeleceram essa ligação num compromisso de “meia distância”, espreitando a partir de locais altaneiros de vigilância; outros, estabelecidos nos esteios dos rios, desenvolveram e especializaram as suas transações comerciais com poder próprio de Estado independente ou enquanto protetorado. As ilhas de transição entre continentes, estacionadas a meio do mar

¹ Arquitecto e investigador (vmsa arquitectos).

² Investigadora (CHAM-FCSH/UNL; CHAIA-UE; vmsa arquitectos) e docente (UE/EA/DArg).

Mediterrâneo, disputaram alianças estratégicas no domínio da navegação, funcionando como locais de abastecimento e de reorganização militar, adquirindo assim relevância económica, socio-cultural e religiosa. Outros povos, fixados fora do espaço físico deste mar e em extremos opostos, tornaram-se, em tempos distintos, as vozes dominantes, as culturas de poder.

A oeste/norte, o Mediterrâneo estende-se por rotas terrestres ancestrais, cruzando cidades primordiais e fundadoras de estruturas urbanas hierarquizadas por ruas e espaços públicos. No quadrante nascente/sul, antes da abertura do canal do Suez, as rotas terrestres prolongavam-se até aos mares asiáticos que contornam a Península Arábica e conectam uma miríade de civilizações antigas e complexas, implantadas em territórios continentais, como a Península Hindustânica, ou estendiam estas ligações a partir dos seus portos em rotas marítimas com diversos arquipélagos como o Malaio.

No extremo oposto, e em situação de finisterra, o oceano incógnito, aquele que se designou denominar de *Atlântico*, aberto ao infinito, conteve durante séculos as vozes do mar interior, assimilando-as como suas, ainda que algumas apenas tenham persistido enquanto sussurros longínquos de uma longa história de caldeamentos civilizacionais. A partir delas, emergiram duas nações disponíveis para seguir novos rumos, com uma cultura de base próxima, mas em permanente ajustamento de diferenciação. Portugal Atlântico afirma-se a partir do século XIV, gradualmente desenvolvendo uma especificidade cultural, sem renegar a sua origem miscigenada, onde a matriz mediterrânica é uma parte identitária substantiva, em termos de proximidade geográfica e cultural. Provavelmente, será esta matriz uma das vertentes do sucesso da instalação e adaptação dos portugueses nos novos territórios, no decurso da infindável viagem marítima. A relação com o Norte de África no périplo conquistador do século XV pelas cidades marroquinas, o povoamento dos arquipélagos da Madeira e Açores, curiosamente também fora do espaço físico do Mediterrâneo, revela precisamente a diversidade e as influências que se estabeleceram em territórios periféricos de ambos os continentes.

As singularidades e as estruturas de suporte político e militar dos povos do Mediterrâneo motivaram alianças, guerras e expansões coloniais, formando um cordão de identidades diversas ao longo das margens deste mar, e para além dele, adquirindo memórias comuns em permanente processo de transformação, como descreve Magris: “A cultura e a história mergulham directamente nas coisas, nas pedras, nas rugas dos rostos humanos, no gosto do vinho e do azeite, na cor das ondas” (Magris *apud* Matvejevitch, 2009, p. 11). Tendencialmente, as vivências do quotidiano moldam as comunidades no seu processo identitário, nas suas particularidades, nas suas dessemelhanças com outras comunidades. As vivências transportam para o quotidiano das relações humanas a herança cultural que preenche os espaços, contextualiza e dá sentido aos objectos, que mais não são do que a continuidade e expressão cultural dos seus utilizadores. Da história antiga praticamente só nos chegaram alguns objectos cuja mudez e escasso contexto deixam pouco espaço interpretativo, ainda que gradualmente novas descobertas venham a permitir desvendar quem eram esses povos longínquos que estavam no terreno quando outros, vindos do espaço mediterrânico, chegaram e procuraram modificar esse *status-quo*, que Victor S. Gonçalves

O estrato arqueológico dentro do edifício denominado A CASA DAS BICAS confirmou a existência de um edifício de Banhos Islâmicos, simultaneamente e por via do desmonte de paredes do edifício que os encobria, ficou a descoberto um conjunto de vestígios de uma antiga casa senhoreada no século XVI. Efectuadas as escavações arqueológicas e analisadas as vestígios no sentido de os dar a conhecer a comunidade urbana e arquitectónica, descobriram um conjunto relativos à conservação e valorização dos vestígios.

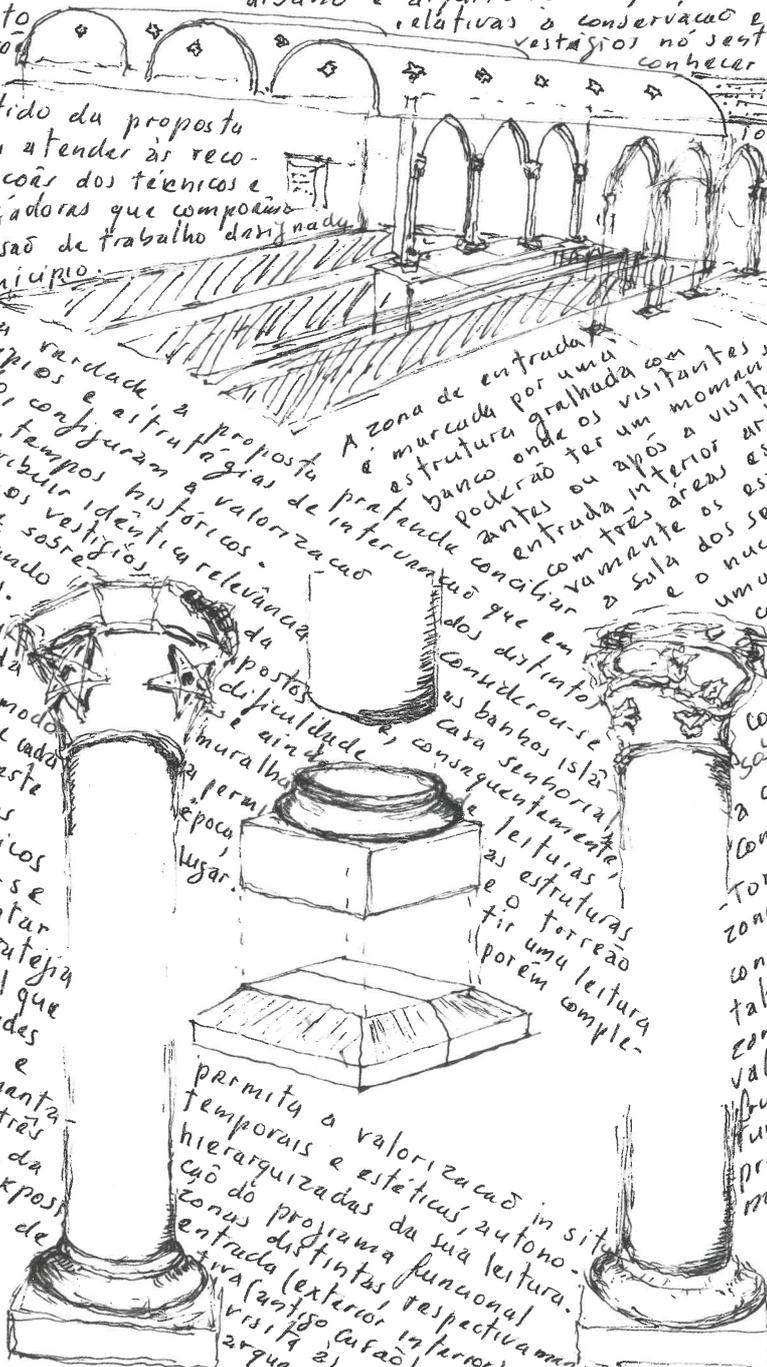
O sentido da proposta procura atender às recomendações dos técnicos e investigadores que compoem a comissão de trabalho designada pelo Município.

Na verdade, a proposta principal e estrutural de valorização dos estratos e conjuntos históricos e tempos históricos, assim atribuir identidade relevante ainda e aos vestígios apresentando separadamente as considerações visíveis da zona norte de modo isolada de cada um dos elementos em termos metodológicos procurou-se implementar uma estratégia projectual que das unidades e implementadas e articula três zonas da zona exposta e a zona de estruturas olíticas, incluindo o torreão.

A zona de entrada é marcada por uma estrutura grelhada com banco onde os visitantes poderão ter um momento de pausa antes de entrar no interior articulado a recepção com três áreas específicas museológicas e o núcleo de serviços educativos e o núcleo de exposições. A zona composta pela sala de exposição com o conjunto de informações complementares sobre os Banhos Islâmicos e o conjunto muralha-torreão. Uma quarta zona complementar à zona exterior que valoriza o seu uso diurno e nocturno, incluindo projecção de cinema.

A zona de entrada é marcada por uma estrutura grelhada com banco onde os visitantes poderão ter um momento de pausa antes de entrar no interior articulado a recepção com três áreas específicas museológicas e o núcleo de serviços educativos e o núcleo de exposições. A zona composta pela sala de exposição com o conjunto de informações complementares sobre os Banhos Islâmicos e o conjunto muralha-torreão. Uma quarta zona complementar à zona exterior que valoriza o seu uso diurno e nocturno, incluindo projecção de cinema.

permite a valorização in situ temporais e estéticas, autonomia do programa funcional e zonas distintas, respectivamente entrada (exterior, interior) e visita à zona arqueológica.



2.3.1. Escrita desenhada.
(autor: Victor Mestre, 2018)

e Ana Catarina Sousa denominaram, muito apropriadamente, por *Sociedades Camponesas no espaço territorial de Loulé* (Gonçalves e Sousa, 2017).

Num contexto bem mais próximo, continuamos interessados em compreender os objectos do quotidiano no seu estacionamento momentâneo, pois estes projectam no nosso imaginário o movimento do seu uso, através da sua própria configuração e expressão enquanto sinais de cultura e tecnologia que lhe estão intrinsecamente associados. Na sua regularidade, esta memória cultural do quotidiano, enquanto vivência secular, transporta um conjunto de recordações que forma a herança cultural transmitida e assimilada no contexto comunitário. É através deste olhar específico do quotidiano que perscrutamos os locais de integração dos nossos projectos de arquitectura, sobretudo quando estamos a trabalhar em reabilitação, para que estes se acomodem ao lugar físico e de tradição vivencial.

As casas do Mediterrâneo, incluindo regiões da sua influência como o Sul de Portugal, revelam filiações e diversidade tipológica e tecnológica, e inscrevem-se em rotas a que alude Fernand Braudel, reconhecido investigador da história do Mediterrâneo, quando afirma que “O Mediterrâneo é afinal o conjunto das rotas de mar e terra, e quem diz rotas diz cidades, desde a mais humilde à mais imponente, todas elas interligadas. Rotas e mais rotas, ou seja, todo um sistema de circulação” (Braudel, 1987, p. 55). São lugares antigos de formas apuradas de habitar e, quando as observamos na actualidade, teremos de recordar que se inscrevem numa longa linhagem ancestral de vivências e não apenas de expressões volumétrico-arquitectónicas. Para além das suas formas geométricas, ressoam da organização do espaço funcional as estruturas familiares e respectivas hierarquias que as definiram. Estas casas formam unidades urbanas interpondo relações interior-exterior relacionadas com a estrutura sociocultural e religiosa.

A cidade como um bairro e um bairro como uma cidade, tal como observamos em muitas das vilas e cidades tradicionais do Mediterrâneo, têm como característica comum a humanização do espaço urbano ao estabelecerem uma relação directa com a escala humana. O bairro como uma casa, a casa como um bairro, formam a segunda hierarquia desta escala humana que forma a moldura da unidade sociocultural, determinando o sentido comunitário e a sua identidade. Esta é a perspectiva com que analisamos Loulé, tendo, contudo, por linhagem ancestral estruturas urbanas “marítimas”, por se encontrarem na dependência directa do mar. Localizar-se-ão, segundo alguns estudiosos que a denominam de *Loulé Velho*, perto do Cerro da Vila e da Quinta do Lago, enquanto locais de fixação de uma ancestral linhagem mediterrânica, romana, islâmica e de outras culturas. Após a fixação no esteio do principal curso de água de Loulé, terão estes povos seguido em direcção ao interior, enquanto porosidade territorial natural, fixando então uma nova urbanidade no planalto vigilante sobre o mar da actual Loulé, erigindo no tempo islâmico a Mesquita, hoje Igreja de São Clemente, conforme podemos observar na investigação de Catarina Viegas (Viegas, 2017).

O sentido e integração da urbe no território de assentamento, em termos físicos, resultará em parte de uma demorada adaptabilidade das casas à morfologia do terreno, ajustando-as à orografia, suavizando em longos percursos as diferenças de cota, formando-se assim sobretudo as ruas dos bairros habitacionais. O conforto urbano das urbes mediterrânicas, associa diversos

factores que permitem introduzir referências funcionais no sentido de as relacionar com as ruas, com as pequenas zonas de transição e de desafogo, por vezes apenas com pequenos espaços alargados que permitem a sociabilização dos cidadãos. Na sua leitura urbana, são mais do que meros espaços exteriores acolhendo pequenos equipamentos como o poço, o forno, um lugar de comércio ou uma pequena indústria. A rua, na estrutura urbana tradicional mediterrânica, é um local de comunicação e a porta aberta na fachada de uma parede sem qualquer outro vão, representa a continuidade natural da casa, onde ao fim do dia se convivia e se preparavam algumas actividades domésticas. Assim, a porta é um *lugar*³ e não apenas um limite entre o público e o privado. Talvez esta particularidade tenha sido durante séculos o elemento comum a muitas urbanidades dos dois lados do Mediterrâneo, como também em margens de continuidade territorial, em direcção a oeste, onde mar e oceano se miscigenam sem limites definidos, tal como as culturas que aí se mesclaram e emergiram renovadas.

A história dos povos tem demonstrado que as distâncias físicas e ou fronteiras administrativas não determinam fronteiras culturais. O que sucede em muitas circunstâncias é a assimilação de novidades, inovações que são caldeadas em processo de adaptação e apropriação cultural, ficando, contudo, sinais desses antigos registos, enquanto suas variantes de uma identidade exterior, que se torna primeiro como inovação para depois se tornar comum. No seu uso quotidiano - sejam modos de cozinhar, integração de novas plantas aromáticas e ornamentais, árvores como a oliveira ou a figueira, utensílios domésticos, alfaias, culturas e sistemas agrícolas, barcos e processos de navegação, técnicas, tecnologias e expressões arquitectónicas - a percepção formal, artística e ou tecnológica desses processos ou elementos, originalmente externos, adaptou-se numa continuidade, em plena assimilação para além do tempo político e ou religioso a elas associado. Estes processos culturais estão ainda presentes em diferentes estágios e intensidades em aldeias, vilas e cidades com identidade histórica do Algarve e Alentejo, e são elos culturais e tecnológicos de ligação à cultura mediterrânica. Loulé, pela sua posição geográfica, entre a serra e o litoral, fixou essas particularidades enquanto entreposto entre regiões com a sua própria identidade sociocultural. Aqui reconhecemos os aromas das plantas do Mediterrâneo, que despontam espontaneamente nos afloramentos rochosos ou nos quintais das casas, rodeados de muros de pedra caiados, onde a luz meridional recorta grelhagens, projecta sombras de diferentes formas no compasso diário do tempo de uma cultura milenar.

Na cultura mediterrânica, a água possui uma especial relevância, sendo determinante o modo como é recolhida na natureza e como é captada, conduzida, e armazenada na e através da arquitectura. As açoteias e as caleiras em consola integradas nas fachadas das casas, recolhem a água das escassas chuvas de inverno, encaminhando-a para cisternas que são simultaneamente eiras de sequeiro, tal como as açoteias. Os canais de rega alimentados por noras singelas ou monumentais, pontuam a paisagem rural do Sul de Portugal, constituindo-se como uma incontornável identidade

³ *Lugar*, no sentido de *place*, como tendo significado(s) (Tuan, 2011).

ural mediterrânica, sobretudo as que se elevam no horizonte como alvos torreões. A partir destes *monumentos*, desenham-se longas linhas brancas no território, num sublinhado paisagístico, apoiadas em arcos abatidos, como se um animal cuidadosamente caminhasse no terreno. Loulé, enquanto urbe, implanta-se sobre um afloramento cavernoso, ligado a uma vasta rede subterrânea que se liga ao aquífero de Quelfes; contudo, estabeleceu-se em função da ribeira de Cadouço, por onde corre água todo o ano. Tal como a água, a sombra é um elemento fundamental na regulação da temperatura, sobretudo em meio urbano no período do estio. A captação das brisas geradas ao entardecer, é um dos sinais da relação da estrutura urbana com os quadrantes naturais, pois para além de refrescarem as ruas e as casas, transportam aromas de uma geografia reconhecível.

Como anteriormente referido, as casas, quando as observamos ou mesmo delas usufruímos na actualidade, têm na sua condição de casas antigas, um historial funcional, uma linhagem de vivências acumuladas. Aquelas casas, que apesar de fisicamente vazias de vivências, permanecem íntegras na sua tridimensionalidade e, na sua maioria, possibilitam o estabelecimento de interpretações tipológicas ao nos colocarmos no corredor da história da vida doméstica. Neste *espaço da história*, prospectamos enquanto actores de uma encenação tipológica com raiz cultural e uma eventual progressão num determinado período de tempo. Procuramos a percepção de memórias físicas e abstratas que nos auxiliem a compreender as espacialidades nas suas invariantes, mas também nas suas excepções, por vezes enquanto charneiras de um novo tempo que permitiram integrar actualizações que chegaram à actualidade.

Nestes lugares erguidos no passado, a impossibilidade de escutar as vivências na primeira pessoa, obriga a que se procure interpretar as potenciais adaptabilidades da organização espaço-funcional das sucessivas gerações de utilizadores. O sentido dessa pesquisa, determina que se aprofunde o conhecimento sociológico da comunidade, se identifique e se caracterize a unidade familiar-tipo, de modo a se conhecer as invariantes que determinaram a tipologia das casas. Importa assim caracterizar alterações, adaptações e *ajustamentos de ocasião*, enquanto variantes que acompanham os sinais culturais dos sucessivos tempos históricos pelos quais passaram. Registamos que a arquitectura vernácula urbana e rural raramente é datável, pois esta não se inscreve na história da arquitectura mediada pelos estilos ou tendências de determinado período histórico. A arquitectura vernácula será, contudo, aquela que acompanha a sociedade anónima adaptando-se, na maioria dos casos, nos limites do essencial, tanto no plano espaço-funcional, como volumétrico-formal.

2.3.2. A CASA/ARQUITECTURA VERNÁCULA RURAL E URBANA

A arquitectura vernácula, sobretudo a urbana, tem subjacente uma raiz cultural de herança comunitária organizada nos planos político, social e religioso. Identificada enquanto base e progressão a partir de modelos elementares, a sua base fundacional apresenta alguns modelos com capacidade de associação. Ainda que a sua rigorosa datação seja difícil de estabelecer existem, contudo, alguns

factores que permitem criar aproximações temporais associadas a eventos naturais, como terramotos, maremotos, incêndios, eventos provocados pela guerra ou construção de novas urbanidades, reconstruções e ampliações das cidades e vilas preexistentes, como a construção de bairros referentes a uma condição socioreligiosa. Grande parte das vilas e cidades portuguesas integra assim bairros específicos de determinados tempos e grupos sociais, como mourarias e/ou judiarias, como também revela uma hierarquização socioeconómica que determina, ainda na actualidade, a composição social de determinados bairros. Contudo, e de um modo geral, é sempre difícil datar um bairro antigo ou uma casa vernácula, seja em contexto urbano seja em contexto rural. No caso do centro histórico de Loulé, transparece uma diluição desses estratos sociais organizados em unidades identitárias, ainda que as estruturas físicas dos edifícios permaneçam na sua dimensão e expressão.

A arquitectura vernácula urbana, que forma a maioria das casas dos centros históricos, caracteriza-se desde logo pela sua adaptabilidade aos elementos naturais, apurando ciclicamente soluções tipológicas de acordo com os enquadramentos socioreligiosos e/ou culturais da comunidade onde se inscreviam. As casas, na sua especificidade espacial, dependem ao longo da sua existência de uma organização familiar, articulada com as relações de parentesco, que define hierarquias funcionais, configurando espacialidades e determinando modos de habitar, sendo que estes estão igualmente relacionados como o exterior privado. A continuidade interior para esse espaço é aliás parte integrante dessa identidade.

Nas casas-pátio, a relação entre exterior e interior é imediata no sentido em que a configuração periférica é determinante na sua centralidade, como são os exemplos por comparação da alcáçova de Mértola, do interior do Castelo de Silves, e ainda, curiosamente, os exemplos escavados no sítio do Tejo do Praio, na Quinta do Lago: “As habitações, com cerca de 13 m², eram constituídas por várias células (duas, três ou cinco), de planta rectangular, que formavam, em conjunto um L ou um U, enquadrando um pátio descoberto (...)” (Arruda, 2017, p. 298). Quando o pátio é lateral e uma das faces é um muro, este pode ter aberturas para o exterior como é o caso da casa da família Barreto, então integrada no espaço museológico dos Banhos Islâmicos. Quando as casas dispõem de quintal a tardoz ou lateralizado sem ligação à rua, que constituirão os casos mais comuns, a sua dimensão e utilização determina a génese do seu funcionamento, em articulação com a vida doméstica, o que se observa também neste espaço.

Uma das especificidades do núcleo histórico de Loulé, ainda que não exclusiva, são os arcos de passagem sobre as ruas. Alguns deles foram ampliados em termos volumétricos adquirindo espacialidade interna com janelas em ambas as fachadas. Estes apontamentos arquitectónicos, para além da beleza estética que introduzem nas cidades, ampliaram a complexidade urbana ao ligarem casas e/ou quintais a casas, atravessando superiormente as ruas. Outras particularidades que se destacam na tradição mediterrânica, no âmbito da expressão artística e arquitectónica, são as grelhagens cerâmicas e as reixas de madeira, quase desaparecidas da cidade de Loulé. As configurações urbanas tradicionais são assim um conjunto diverso de memórias culturais e tecnológicas que se inscrevem numa linguagem arquitectónica comum a uma herança cultural identitária. Em Loulé estas referências permanecem relacionadas com uma ancestral linhagem de uma cultura

de contacto, de sedimentação e de integração no espectro da cultura mediterrânica. O mais surpreendente não é que tenha um tempo longínquo e difuso de origem, mas sobretudo que tenha permanecido durante o século XX e se considere relevante a sua continuidade neste novo século.

2.3.3. VIVÊNCIAS URBANAS, ESSÊNCIA DO LUGAR IDENTITÁRIO E CRITÉRIOS DE REGENERAÇÃO

No centro histórico de Loulé, um dos mais bem preservados do Algarve, podemos observar conjuntos de pequenos quarteirões com uma diversidade específica, onde as paredes e os muros ancestrais ainda libertam “sussurros” de vivências do quotidiano tradicional mediterrânico. A persistência do sapateiro na rua - com a sua amável comunicabilidade com quem o procura, abeirando-se para além da porta da oficina - mantém a relação de vizinhança viva, mesmo que seja apenas para um simples cumprimento de “Bom dia!”. As lojas localizadas na periferia do núcleo antigo – nomeadamente as drogeries que vendem de tudo um pouco, entre embalagens normalizadas impostas por lei e as memórias da venda a granel, presentes nos móveis antigos – são ainda locais de socialização comunitária. A reintrodução das actividades tradicionais, como a casa da empreita e do caldeireiro, restituiu estes espaços aos artesãos e às suas actividades no sentido do lugar a que, por direito próprio, sempre pertenceram, ultrapassando-se assim o que poderia constituir uma oportunística visão exclusivamente turística. Esta condição superou qualquer subversão de ordem de valores, ao integrar estes artesãos no espaço de vizinhança, reassimilando estas actividades nas suas relações quotidianas de comunicação. Estes lugares complementam o Mercado⁴, que permanece como local privilegiado de encontro social, onde persistem os produtos de consumo tradicional a par da permanência dos comerciantes locais, alguns estabelecendo a ligação entre o espaço rural e o urbano, e vice-versa.

As obras de conservação, restauro e renovação de edifícios de uso público localizados no centro histórico reforçam o sentido gregário e de identidade da comunidade. Neste âmbito impõe-se o estabelecimento de critérios explícitos de intervenção que sejam reveladores de uma cuidada estratégia patrimonial, em permanente articulação com a comunidade, apresentando os objectivos e ideias das propostas e, sobretudo, facultando a sua discussão pública para acolher sugestões do interesse dos residentes. A valorização das actuais unidades de vizinhança que formam a actual comunidade e a integração de novos residentes, em continuidade com a estrutura urbana e arquitectónica pré-existente, ou seja, salvaguardando a matriz identitária diversa do lugar, constituirá um grande desafio para a regeneração urbana do centro histórico de Loulé, tal como a integração de cidadãos que nele procurem instalar-se.

⁴ *Mercado de Loulé*, publicado na revista *A Construção Moderna*, n.º 103, 1 de Agosto de 1903, pp. 145-147. Disponível em <https://pt.revistasdeideias.net>

A regeneração da materialidade será certamente o mais consensual, perante a estratégia municipal contínua, consistente e coerente para o centro histórico e o modo qualificado de acompanhamento directo do gabinete técnico das intervenções públicas e privadas⁵, em estreita articulação com a Direcção Regional de Cultura do Algarve. Ao invés, o mais complexo será a valorização da *essência do lugar*, em termos de permanência de determinadas *atmosferas* geradas por séculos de vivências, que determinaram a cultura urbana de Loulé, resultante do modo como os seus habitantes se apropriaram do espaço público, enquanto continuidade das suas casas. A valorização dessa *essência do lugar identitário*, estará naturalmente associada à plasticidade do edificado, à sua expressão estética, ao seu compromisso com a memória cultural, enquanto um todo e em estreita articulação com o interesse do bem-estar dos habitantes enquanto comunidade.

Re-habitar o centro histórico, significa (re)criar, restituir e potenciar relações de proximidade para que se fortaleçam as unidades de vizinhança enquanto continuidades familiares com longevidade e espírito de entreajuda. Simultaneamente, significa integrar novas realidades socioeconómicas, enquanto subtis inovações aditivas de novos despertares de pequenas unidades de produção que geram economias circulares, na senda das antigas indústrias de bairro. Esta integração será potencialmente induzida pelas propostas dos novos equipamentos públicos de referência, redesenhados sobretudo nas suas funções de divulgação cultural e científica, de que será em breve o exemplo do Quarteirão Cultural ligado ao Geoparque Algarvensis, sendo já a realidade do núcleo museológico dos Banhos Islâmicos e Casa Senhorial dos Barreto.

2.3.4. O LUGAR DE LOULÉ

Até à segunda metade do século XX, o que manteve este centro histórico íntegro e activo terá sido a sua capacidade de se regenerar a cada ciclo económico, assimilando os sinais do seu tempo, sem substituição da população local, que assim assegurou a continuidade cultural e a identidade do lugar. A actual geração, mais idosa e com dificuldade, ainda potenciou e presenciou alguma continuidade transmitindo os seus valores e conhecimento. Contudo, também vivenciou o início do persistente silêncio de muitas casas desabitadas que gradualmente foram despindo o centro histórico de gente. A memória cultural, ou seja, a memória *de e com* pessoas, constituirá a base estruturante de uma regeneração urbana bem-sucedida na justa medida em que se depreende que esta dependerá da permanência e revitalização das vivências de quem permanece, de quem habita as casas do centro histórico; dependerá ainda da revitalização das unidades familiares e não de lugares estritamente de uso temporário em período diurno, ou seja transferindo a habitação para usos comerciais, terciários e outros sem regulação e sem integração sustentável no âmbito sociocultural.

⁵ Programa Operacional do Algarve, Parcerias para a Regeneração Urbana, Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN) 2007/2013; Programa Operacional CRESC ALGARVE 2020; Programa Estratégico Municipal das Áreas de Reabilitação Urbana.

O centro histórico de Loulé ainda tem alma, porque ainda tem alguma vida própria, ainda que em perda. Os processos de reversão desta condição, ou seja, de impedimento do desaparecimento da habitação de unidades familiares do centro histórico, devem evitar a instalação de usos que artificializem este ambiente. Destacam-se aqueles usos que retirem habitações em favor de usos que desertificam este antigo espaço urbano a partir do fim do dia, ou favoreçam a monocultura da oferta turística do alojamento local industrializado. Tendencialmente, os centros históricos têm na actualidade sofrido a “higienização” dos costumes tradicionais representativos das populações residentes, retirando-lhes o protagonismo e a representatividade dos seus legítimos actores, e até artificializando eventos ancestrais, sejam religiosos, pagãos ou simples actos comemorativos.

O vigor e a identidade do centro histórico é algo inato ao espaço e ao lugar, como o é de cada bairro e ou unidade urbanística, e só será possível permanecer íntegro na sua especificidade através das vivências instaladas e geridas no seu seio, em diálogo com a integralidade da comunidade, do centro à periferia. O centro histórico não é um gueto de preservação folclórica nem um super-bairro classista, desligado da cidade; é sim do interesse do conjunto de cidadãos que forma a grande unidade da cidade de Loulé.

Existe um risco real dos centros históricos se desvirtuarem por interpretações restritivas de direito, e do conceito de *regeneração*. Tal situação é verificável em alguns bairros históricos das grandes cidades, de que Lisboa é um penoso exemplo após se ter permitido que o mercado imobiliário determinasse o afastamento da população ancestral em favor de uma população flutuante e desenraizada.

As actuais políticas urbanas em curso na cidade de Loulé, e em particular no centro histórico, enquadram-se num percurso pensado a longo termo, através do planeamento de projectos estruturantes articulados entre si e que, no seu conjunto, tem um desígnio perceptível para o concelho num enquadramento regional. A proposta para a revitalização do Quarteirão Cultural em pleno centro histórico, integrando um diversificado conjunto de edifícios, constitui um acto de cultura, com um enorme sentido político, pela sua capacidade de transformação e de visão futura para a cidade e para o território de Loulé.

2.3.5. A SOBREPOSIÇÃO DA HISTÓRIA: OS BANHOS ISLÂMICOS E A CASA SENHORIAL

O espaço museológico dos Banhos Islâmicos e Casa Senhorial dos Barreto, integra-se neste projecto do Quarteirão Cultural, tendo constituído o primeiro nível visível de intervenção. Numa primeira aproximação, a abordagem teórica alicerçou-se na memória cultural do lugar, enquanto unidade urbana ancestral, formada num enquadramento socioeconómico interterritorial vasto e diverso. Esta abordagem teve subjacente a cidade e o seu contexto geográfico na região do Algarve enquanto identidade integrada na macro-escala sociocultural sob influência da cultura mediterrânica, anteriormente referida.

Loulé é uma urbe de encosta, a meio caminho entre a serra e o litoral, cuja implantação resulta da adaptabilidade de uma suave elevação rochosa, formando uma plataforma adaptada à implantação de ruas que seguem a orografia na tradição dos povoados pré-medieval e medievais. Esta urbe – distinta de Silves e de Mértola que se encontram localizadas em esporões rochosos altaneiros, onde o escoamento de produtos e as transações económicas sempre dependeram da navegabilidade dos respectivos rios com ligação ao mar – tem curiosamente o mesmo mar no seu horizonte e caminhos terrestres para o alcançar, sendo que este mar também “subiu” ao barrocal, na sua dimensão sociocultural.

2.3.6. AREJAMENTO E GRELHAGENS COMO EXPRESSÕES DE CULTURA

Loulé implanta-se num local de charneira, geograficamente central, entre a serra, dominada por Salir, e o litoral onde se desenvolveu a povoação ribeirinha de Quarteira. O arejamento, como meio de controlar a temperatura, tem uma particular influência no conforto destas casas, recorrendo-se frequentemente à introdução de grelhagens nas fachadas ou em chaminés, solução muito particular na cultura da região do Algarve.

A terra como material primordial de construção segue a tradição mediterrânica, tanto em terra crua batida entre taipais, denominada *taipa*, moldada em adobes secos ao sol, ou cozida em forno a partir da selecção de terras ricas em argila, produzindo tijolos e tijoleiras⁶. O tijolo cozido, para além de ser utilizado enquanto material estrutural, em particular na construção de abóbadas e abobadilhas, em revestimento de pavimentos exteriores e interiores, é determinante na expressão das grelhagens. O tijolo cozido foi utilizado por diversas culturas do Mediterrâneo, e consequentemente terá sido ciclicamente redimensionado na sua constituição e dimensão por artesãos que o fabricaram com diversas técnicas e tecnologias, mantendo-o em uso até aos nossos dias.

Esta constância, e apesar do surgimento de novos materiais, técnicas e tecnologias, e inclusivamente de novos ideais estetas, significa que a herança cultural permanece na sua plenitude, não impedindo o percurso de inovação da história. Para além de se poder evocar que tanto o tijolo, como a cal ou outros processos tradicionais de construção, continuem a ser fundamentais, sobretudo em processos de restauro e reabilitação, a sua utilização em contextos contemporâneos é uma constante⁷. A sua permanência e melhoramento enquanto processo de transformação de matéria-prima natural, tem na actualidade uma suplementar relevância na fileira de materiais

⁶ Sobre a construção e a reabilitação de construções em terra ver ROCHA, Miguel (2015). *Técnicas de Construção com Terra: uma introdução*, colecção Cadernos de Construção com Terra 1. Lisboa, Argumentum; FERNANDES, Maria e TAVARES, Alice (2016). *O Adobe*, colecção Cadernos de Construção com Terra, 2. Lisboa, Argumentum; FARIA, Paulina e LIMA, José (2018). *Rebocos de Terra*, colecção Cadernos de Construção com Terra, 3. Lisboa, Argumentum.

⁷ Veja-se a obra do Arquitecto Bartolomeu Costa Cabral.

ecologicamente sustentáveis na construção de edifícios. Como também têm estes materiais tradicionais sido indutores de novas expressões, recorrendo a novas formas como o tijolo perfurado cuja composição poderá ser igualmente cerâmica ou recorrendo à cal, cimento e areia em processo industrializado.

2.3.7. UM QUARTEIRÃO DO CENTRO HISTÓRICO DE LOULÉ: UMA PROPOSTA DE CONTINUIDADE E VALORIZAÇÃO DE UMA UNIDADE URBANA

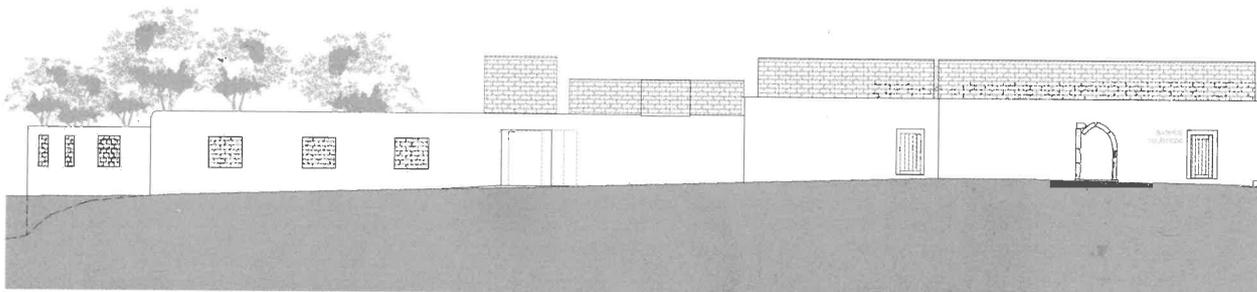
A proposta de intervenção arquitectónica tem por base o trabalho de reconhecimento histórico e prospecção arqueológica da responsabilidade da equipa técnica da Câmara Municipal de Loulé e da equipa liderada pelo Campo Arqueológico de Mértola, em articulação com a Universidade do Algarve. Uma frutuosa discussão teórica com a equipa de acompanhamento deu início a uma contínua partilha de opiniões e metodologias de intervenção no âmbito da valorização dos valores patrimoniais a musealizar. No entanto, considerámos que primordialmente deveríamos criar e consolidar uma ideia de integração urbana em continuidade com a memória histórica, quer física quer comunitária.

O sentido da proposta de valorização dos Banhos Islâmicos e dos vestígios da casa senhorial da família Barreto, assenta no conceito de *lugar* e de *espaço*, num enquadramento de *memória cultural*. O contexto urbano enquanto *lugar*, constituiu a moldura sociocultural da proposta, enquanto o quarteirão da intervenção foi entendido como *espaço*, tendo por base o sentido que Yi-Fu Tuan atribui a “Place” e a “Space”:

“The city is a place, a centre of meaning, par excellence. It has many highly visible symbols. More important, the city itself is a symbol. The traditional city symbolized, first, transcendental and man-made order as against the chaotic forces of terrestrial and infernal nature. Second, it stood for an ideal human community: ‘What is the Citie, but the People? True, the People are de Citie’ (Shakespeare, Coriolanus, act 3, scene 1). It was as transcendental order that ancient cities acquired their monumental aspect. Massive walls and portals demarcated sacred space”.

(Tuan, 2011, p. 173).

O *lugar* atribui sentido ao sítio que se pretende valorizar. *Lugar* e *espaço* localizam e definem uma mesma geografia, mas é o *lugar* que atribui significado ao espaço. A identidade cultural abrangente deste *lugar* é para nós a cultura mediterrânica que permanece em diferentes expressões e intensidades no centro histórico de Loulé, como anteriormente expusemos. Trabalhar a unidade quarteirão, no contexto da cidade, foi essencial para a proposta em termos de conceito global. A configuração volumétrico-formal do nosso projecto procura responder a uma hierarquia



1 5 10

2.3.2. Alçado/Muro com grelhas integradas, na Rua Garcia de Orta.

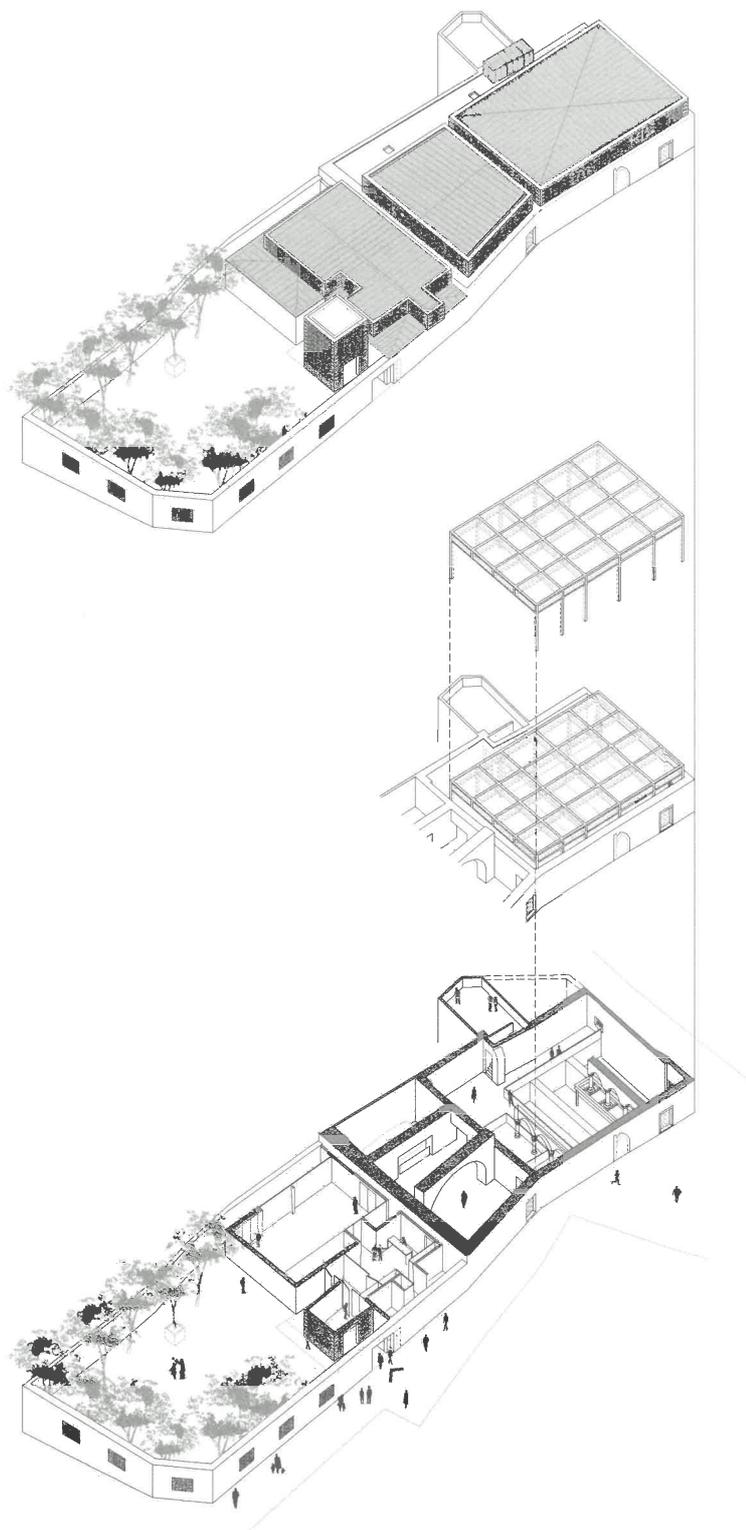
(imagem: arquivo vmsa)

espácio-funcional a partir da definição do programa, que se desenvolveu para além de um mero somatório de áreas específicas, e incontestavelmente necessárias. A concepção museológica e a sua configuração geométrica resulta da procura da unidade entre concepção espaço-funcional, forma, identidade urbana e expressão cultural com memória histórica.

A manutenção dos muros e dos planos de fachada (Figuras 2.3.2 a 2.3.4) que formam a unidade de quarteirão do núcleo museológico, constituiu um vector estruturante na identidade do projecto. Com idêntica relevância se implantou a entrada aberta no muro, e não no edifício, que se inscreve na tradição da rua mediterrânica onde a porta é um prolongamento do espaço interior para o exterior (Figuras 2.3.6 e 2.3.7). A sua marcação no contexto da rua resulta na implantação de um pequeno volume projectado sobre o muro, permitindo a quem se aproxima, a percepção de um torreão, em plano recuado, marcando verticalmente a entrada no equipamento. Pretendeu-se recriar esta ideia difusa de entrada, no sentido de integrar um espaço de transição entre exterior-rua e exterior-pátio e anunciar o acesso à visita ao espaço museológico.

A concepção espacial deste núcleo museológico, decorre de uma abordagem sensitiva em articulação com princípios de intervenção patrimonial. A configuração dos novos espaços procura despertar os sentidos dos seus visitantes, para além das leituras frívolas decorrentes da “informação acelerada” via media⁸. Na actualidade, e particularmente devido à pandemia COVID-19, tendencialmente tudo se passa num *écran* artificializando-se o contexto, e neste sentido suprime-se a espontaneidade e a descoberta dos sentidos que complementam a visão. Pretendemos

⁸ A informação patente em écrans tácteis que apresentam interpretações decorrentes do conhecimento adquirido com estas ruínas, neste local, e em conjunto com outras situações semelhantes, revela-se de elevada utilidade para a interpretação daquele visitante que, ao visualizar aquelas estruturas, para mais numa cota superior àquela em que foram estes espaços utilizados, terá certamente dificuldade em reconstituir o espaço e a função que ali se fundiram para proporcionar uns banhos públicos, no período islâmico, e uma casa senhorial no século XV. A sobreposição da história que aqui se observa é de uma relevância patrimonial notável para o entendimento da evolução das cidades, que acresce no século XXI um novo *layer* que usufruiu e valoriza as camadas do passado. E é essa realidade contemporânea que o projecto procurou.



2.3.3. Muros, planos de fachada e volumes da unidade de quarteirão: axonometria explodida.
(desenho: arquivo vmsa)



2.3.4. Muro com grelhas delimitando a rua do pátio do Museu.
(fotografia: Filipa Bernardo)

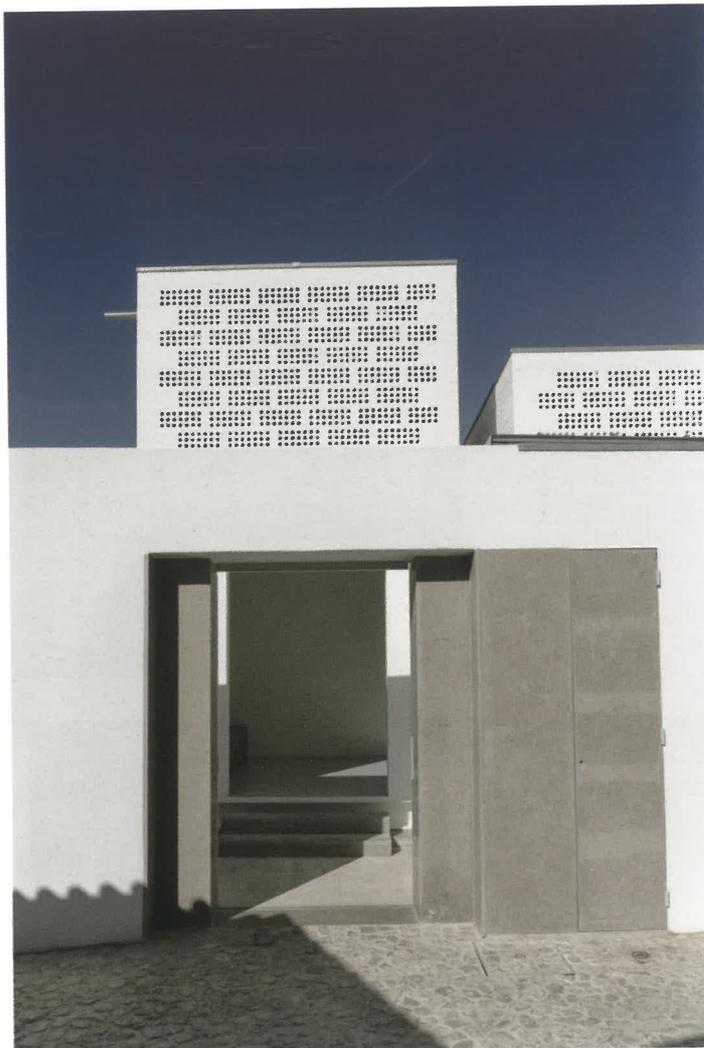
2.3.5. Interior do pátio que forma a unidade exterior privada do Museu.
(fotografia: Filipa Bernardo)

precisamente contrariar estas novas rotinas, dependentes de sistemas artificiais exclusivos/de comunicação visual imediatistas, onde as vivências sensitivas são diminutas/limitadas.

O projecto procurou trabalhar os espaços como uma escultura interior, onde as dinâmicas espaciais despertam os sentidos de modo a que os utilizadores se sintam incluídos, percebendo uma experiência que os desperta para a descoberta com todos os seus sentidos. Os espaços são trabalhados tridimensionalmente, ou seja, cada espaço procura complementar a função de forma aditiva e não meramente funcional. Nesta relação dinâmica, destacam-se as altimetrias diferenciadas, reguladas por regras de escala, proporção e harmonia, moldadas pela luz que penetra pelos orifícios da grelhagem das fachadas em diferentes intensidades de modo a despertar os sentidos enquanto experiências sensitivas. O sentido com que trabalhamos a arquitectura e em particular as espacialidades, tem na abordagem filosófica de Juhani Pallasmaa a fundamentação crítica disciplinar, conforme se infere das suas palavras:

“Modern architectural theory and critique have had a strong tendency to regard space as an immaterial object delineated by material surfaces, instead of understanding space in dynamic interactions and interrelations”.

(Pallasmaa, 2005, p. 64)



2.3.6. Tradição da rua mediterrânica onde a porta é um prolongamento do espaço interior para o exterior.
(fotografia: Filipa Bernardo)



2.3.7. O Quintalão representa uma das heranças do urbanismo mediterrânico, pelo que foi valorizado como espaço exterior de continuidade de vivências culturais.
(fotografia: Filipa Bernardo)

Estas considerações filosóficas adquirem uma particular atenção quando a intervenção tem por principal objectivo o resgate de um valioso património histórico, composto por vestígios arquitectónicos de enorme complexidade interpretativa. Desde logo se destaca o facto de representarem tempos históricos distintos e sobrepostos, sem relação entre si em termos de absorção de estruturas conexas, ambos ocultados por uma construção relativamente recente, provavelmente do início do século XX. Ambas as estruturas arquitectónicas - respectivamente vestígios de banhos islâmicos com três unidades espaciais soterradas e uma arcada do século XVI desmontada do seu local de origem, e agora de novo remontada - representam identidades espaço-funcionais precisas e distintas, cuja interpretação cultural é indissociável de leituras espaciais. A visita a este sítio arqueológico é uma viagem no tempo, uma peregrinação de um ideário de *tour contemporâneo*

onde cada descoberta é uma peça de um enorme puzzle civilizacional. As viagens culturais do despertar da arqueologia dos séculos XVIII e XIX, são naturalmente irrepetíveis; na sua dimensão científica e romântica, mas o seu legado continua a ser uma permanente reavistagem e descoberta. A curiosidade pelas vivências dos nossos ancestrais é condição inesgotável para nos compreendermos melhor. E se os desertos e as misteriosas florestas tropicais foram sempre espaços de imaginação, as cidades tradicionais seguiram-se na sua permanente redescoberta, no remexer das sucessivas camadas estratigráficas, mas também na actual superfície, onde pairam as sombras da herança cultural, diluídas em vivências quotidianas. As casas anónimas, por vezes, escondem essa herança e por isso é preciso saber lê-las, trespassar a porta de todos os tempos históricos, como nos transmite a historiadora, arqueóloga, jornalista e viajante Annemarie Schwarzenbach no seu périplo no Próximo Oriente:

“Examinámos de perto aquelas casas estranhas: os telhados eram tão grandes que cobriam não só as paredes feitas de traves e taipa da divisão habitada, mas também uma galeria que corria ao longo de dois ou três lados da casa: era uma galeria que se situava no primeiro piso, por cima do estábulo, a menos que a casa fosse construída sobre suportes em peças de madeiras cruzadas e empilhadas”

(Schwarzenbach, 2017, p. 163).

Esta descrição poderia ser idêntica a uma outra efectuada em visita à casa da família Barreto, antes da sua decrepitude e desmonte parcial que provavelmente tiveram origem em um dos terramotos que assolaram o Algarve. Na nossa abordagem, e apesar do inequívoco valor patrimonial deste prodigioso vestígio arquitectónico, não nos interessará tanto se é um vestígio medieval ou de um outro período. O que este relato nos transmite, e nos ajuda na reflexão sobre as memórias que uma cidade acumula, é o sentir que esta casa terá transmitido a uma forasteira, culta naturalmente, e sobretudo atenta aos valores culturais do quotidiano da comunidade. Os vestígios da casa da família Barreto, entretanto desmontados do seu lugar de descoberta no decurso dos trabalhos de prospeção arqueológica (2006), pela sua singularidade e raridade, impuseram uma discussão ética exigente, face a essa opção de desmonte, respaldado perante um outro valor de excepcionalidade, localizado sob estes vestígios, precisamente os banhos islâmicos. Segundo Walter Benjamin:

“A história é o objecto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogéneo e vazio, antes formando um tempo pleno de «agora». Assim, para Robespierre, a Roma antiga era um passado carregado de «agora», surgindo do contínuo da história (...)”.

(Benjamin, 1992, p. 166).

Lemos esta consideração no sentido de colocarmos o homem contemporâneo no caminho da história através de acções concretas, ou seja, tomando decisões não necessariamente

contemplativas, face aos contextos em análise. A decisão de se remontar os vestígios da casa da família Barreto, consubstanciou-se num largo consenso da equipa científica do projecto de restauro e musealização, ficando a sua materialização dependente do estudo técnico da arquitectura e engenharia (A2P: Engenheiros João Appleton e Pedro Ribeiro), devido à complexidade e fragilidade do contexto patrimonial em presença. No entanto a questão patrimonial, e a sua discussão, esteve sempre presente no desenvolvimento da proposta de arquitectura, na definição clara da ética de intervenção proposta, como é longa prática da autoria deste projecto.

Intervir em património implica compromissos éticos, sustentados numa metodologia de trabalho teórica em articulação com a prática profissional onde as questões técnicas e tecnológicas são estruturantes para a respectiva viabilização da intervenção. Face ao exigente contexto arqueológico deste lugar, toda a intervenção foi planeada em articulação com o trabalho desenvolvido por historiadores e arqueólogos. Ao longo de décadas, estes têm procedido a trabalhos de prospecção no terreno e respectiva interpretação científica apoiados por levantamento documental. Mantendo-se uma parte do terreno por prospectar, e de modo a danificar o menos possível eventuais evidências arqueológicas, tomou-se a decisão de introduzir no terreno fundações pontuais de reduzido diâmetro sobre as quais, em cota superior ao estrato arqueológico se implantou uma estrutura metálica totalmente reversível, sendo parte significativa constituída por módulos aparafusáveis (Figura 2.3.8). Em termos de solução reversível, as questões técnicas deste sistema que propusemos apresentam uma crucial relevância no âmbito da ética de intervenção, sobretudo por estarmos perante um Monumento⁹. Contudo, gostaríamos de deixar explícito que a esta questão técnica e tecnológica está sempre subjacente o sentido da intervenção em termos sociológicos e filosóficos, ou seja, de contexto comunitário urbano e de interesse civilizacional em termos de contemporaneidade. Recordamos neste âmbito as palavras escritas em 1903 por Alois Riegl:

“O valor histórico de um monumento assenta no facto de representar um grau totalmente determinado, como que individual, da evolução de uma dada área da criação humana. Deste ponto de vista, interessam-nos no monumento não as marcas da influência dissolvente da natureza que se fez valer no tempo decorrido desde a sua génese, mas o facto de ter sido criado outrora como obra humana”.

(Riegl, 2016, p. 34).

Esta premissa é para nós fundamental ao nos colocarmos no campo da História, não enquanto reconstrutores de lacunas físicas, mas enquanto intérpretes do valor patrimonial em presença, transportando-o para a contemporaneidade como, continua, Riegl:

⁹ Aprovada a classificação como Monumento Nacional em Conselho de Ministros de 22 de Junho de 2023.

“O valor histórico é tanto mais elevado quanto mais claro for o grau em que se revela o estado coeso, original, que o monumento possuía imediatamente ao ser produzido; a desfiguração e dissolução parciais são, para o valor histórico, uma intervenção perturbadora, malquista. Isto aplica-se em igual medida ao valor histórico-artístico bem como ao valor histórico-cultural e, naturalmente, com maioria de razão a todo o valor cronológico”.
(Riegl, 2016, p. 34).

Neste âmbito se deve enquadrar o conceito de *arqueologia paramental* que, no nosso entender, ao se manifestar fisicamente enquanto registo neutro, portanto com o mínimo de exposição, deve ser lida como arqueologia integrada na arquitectura, ou seja, arqueologia *na* arquitectura e não *da* arquitectura, devendo ser por esta gerida e não o inverso. Riegl propunha o desdobramento do conceito de *monumento*, apoiado em valores de memória, entre antiguidade e historicidade integrados nos valores da contemporaneidade onde destaca a importância do uso e do enquadramento artístico. O nosso projecto de intervenção no âmbito da valorização deste espaço de enorme complexidade temporal, para além das questões dos valores de memória, em que igualmente se apoia, procurou uma base interpretativa em termos de lugar de sedimentação de vivências geradoras de um tecido social e de uma expressão e identidade urbanas, em parte ainda presentes, como anteriormente referidas.

2.3.8. O TEMPO DE TODOS OS TEMPOS

Ao propormos uma nova imagem arquitectónica para este lugar, que ocupa uma área central do núcleo histórico de Loulé, procurámos precisamente interpretar atmosferas desse longínquo legado, diverso, complexo e de continuidade. O nosso propósito está para além da mera integração volumétrico-formal, da forma e da expressão, no contexto urbano, sendo que consideramos este último também relevante. Seguindo o pensamento de George Kubler:

“A pouco e pouco, vamos redescobrimo que aquilo que um objecto significa não é mais importante do que aquilo que ele é; que a expressão e a forma constituem desafios equivalentes para o historiador; e que negligenciar o sentido ou o ser, a essência ou a existência, deforma a nossa compreensão de ambos os termos do par”.

(Kubler, 2004, p. 171).

Como Kubler, procurámos ultrapassar estereótipos de intervenção em património, no recurso exclusivo a postulados de salvaguarda da componente física estrita, como se o tempo manifestasse uma forma específica para cada período em análise, quando tudo varia, como este autor afirma:



2.3.8. Estrutura metálica autonomizada do chão arqueológico, reversível. Projecto de estruturas: Eng. João Appleton e Pedro Ribeiro (A2P). (fotografia: arquivo vmsa)



2.3.9. Estrutura metálica para suspensão dos arcos de alvenaria de modo a evitar carga sobre as colunas da casa dos Barretos. (fotografia: arquivo vmsa)

“O presente plural – Tudo varia tanto com o tempo como com o lugar, e não podemos atribuir a nada uma qualidade invariante como a que a ideia de estilo pressupõe, mesmo quando separamos os objectos dos seus enquadramentos. Mas quando a duração e o enquadramento são considerados, deparamos com relações mutáveis, momentos passageiros e locais diversificados na vida histórica.”

(Kubler, 2004, pp. 174-175).

Trabalhar com pré-existências, significa trabalhar com o tempo de todos os tempos, algo não mensurável que tudo engloba, mas que no âmbito das vivências passadas, matéria do nosso máximo interesse, apenas deixa transparecer sombras, sussurros e atmosferas, sempre imaginadas pelos enquadramentos arquitectónicos, e respectivas espacialidades, pelas prospecções arqueológicas e respectivos vestígios humanos, com destaque para os objectos observados e exumados *in situ*.

Sobre *a forma do tempo* com que revestimos o edifício, esta procura ser uma metáfora ao percurso do homem pelas margens do Mediterrâneo, até aqui chegar, sedimentar e reinventar a expressão tradicional da arquitectura que trouxe na memória. Seguramente reinventada, manteve ancestrais premissas relacionadas com o clima e os costumes, numa dialética de espaço interior e exterior, de rua e de casa. A grelhagem integral como expressão da memória cultural, relaciona em idêntica paridade, funcionalidade e síntese artística, valores identitários da tradição ancestral



2.3.10. Citação arquitectónica das grelhagens tradicionais da cultura mediterrânica integradas sobre as paredes remanescentes da casa senhorial.

(fotografia: Filipa Bernardo)

2.3.11. A desocultação da porta do pátio da casa dos Barretos, do século XVI.

(fotografia: Filipa Bernardo)



(Figuras 2.3.10 e 2.3.11). O recurso a um simples tijolo perfurado, encontra a sua pertinência precisamente na síntese máxima que a arquitectura vernácula mediterrânica transportou ao longo de milénios, destacando o essencial enquanto matriz dessa arquitectura.

A ideia de vazios, enquanto elementos de composição arquitectónica, de base intemporal relacionados com arquitecturas tradicionais contrasta com certas expressões do Renascimento, da arquitectura erudita, como a Casa dos Bicos (início século XVI) em Lisboa ou a *Casa de las Conchas* (final século XV) em Salamanca, ou ainda o exemplo mais próximo da nossa grelhagem, mas em positivo, ou seja, o Palácio do Cunhal das Bolas (século XVI), localizado no Bairro Alto em Lisboa (Figura 2.3.12), ou os elementos geométricos das pilastras da Igreja do Convento da Graça em Torres Vedras. A desmultiplicação dos volumes e o seu respectivo escalonamento no plano marginal da rua, teve por objectivo a integração desta intervenção que não pretendeu alterar a escala do quarteirão destacando-se apenas o pequeno torreão a pontuar a entrada, apesar de recuado. Este torreão tem na sua configuração espacial um banco para apoio na transição entre o exterior e o interior, onde um espaço de acolhimento permite centralizar toda a funcionalidade sem perda de áreas de circulação. A partir deste espaço, acede-se aos serviços educativos, sanitários e ao circuito do espaço museológico (Figuras 2.3.13 e 2.3.14).

O circuito de visita foi desenvolvido em dois espaços, respectivamente o expositivo estruturado a partir da integração de vitrines especificamente desenhadas (*on-site design*) pela arquitectura e o dos vestígios arqueológicos dos Banhos Islâmicos e da Casa da Família Barreto. A configuração espacial das salas decompõe-se em diversas altimetrias que formam hierarquias reguladas pela tridimensionalidade, ou seja, pela relação directa entre escala e harmonia relacionadas com os conteúdos expositivos. A sala das vitrines integrou um arco transversal de grandes dimensões, na sua escala e dimensão, regulando agora um espaço aproximadamente cúbico de modo a sugerir uma grande amplitude espaço-funcional. As vitrines integradas nas paredes (Figura 2.3.15) delimitam a altimetria do conforto visual e ergonómico, definindo uma horizontalidade entre planos verticais.

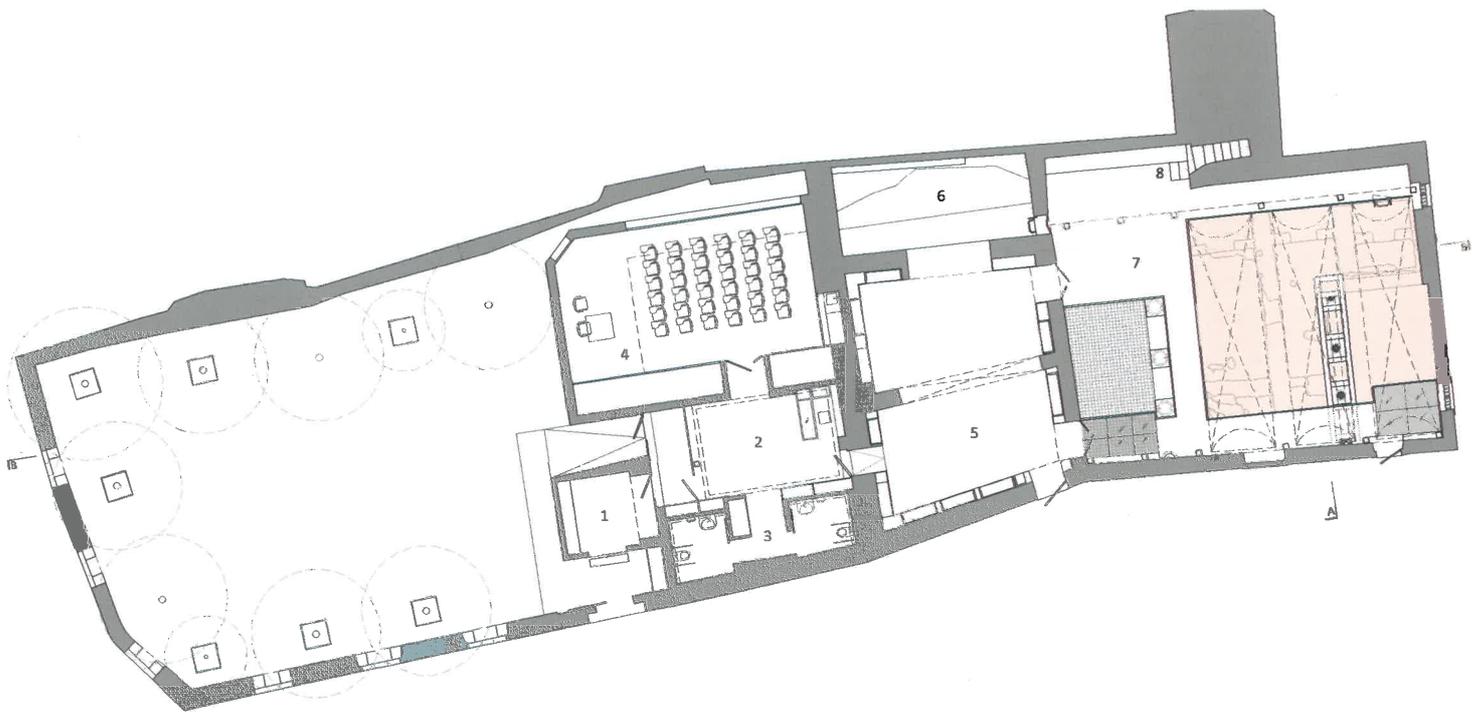
A pequena nave dos banhos e das colunas distingue-se da anterior pois partiu de conceitos diferentes: enquanto a primeira cumpre requisitos tecnológicos de elevada exigência face



2.3.12. Esquerda: cunhal das Bolas – Bairro Alto, Lisboa; centro: pilastra da Igreja e Convento de Nossa Senhora da Graça – Torres Vedras; direita: tijolo industrial furado nos Banhos Islâmicos de Loulé – Fábrica de Blocos de São Brás de Alportel, Algarve. (fotografias: arquivo vmsa)



2.3.13. Espaço museológico dos Banhos Islâmicos.
(fotografia: Filipa Bernardo)



- 1 - EXTERIOR COBERTO
- 2 - RECEÇÃO
- 3 - NÚCLEO SANITÁRIOS
- 4 - SALA DE ACTIVIDADES EDUCATIVAS

- 5 - ESPAÇO MUSEOLÓGICO 1
- 6 - ESPAÇO MUSEOLÓGICO 2
- 7 - ESPAÇO MUSEOLÓGICO 3
- 8 - ACESSO A TERRAÇO

PISO 0



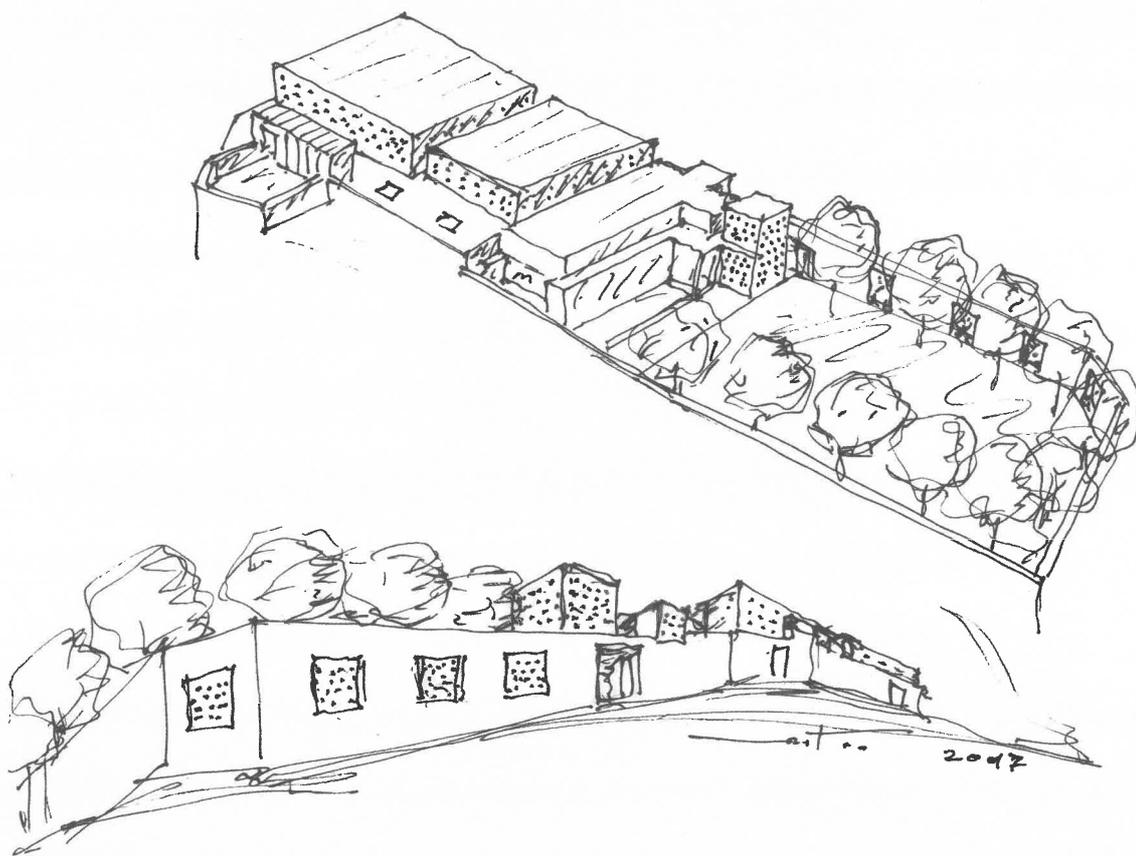
2.3.14. Planta do piso térreo do Museu Municipal de Loulé – Núcleo Banhos Islâmicos e Casa Senhorial dos Barreto.
(desenho: arquivo vmsa)

aos objectos expostos, a segunda, tem na sua essência a preservação do espaço arqueológico enquanto recinto que mantém a ventilação natural do seu ambiente. Neste contexto o que se projectou teve dois princípios subjacentes, a saber: a valorização *in situ* das evidências arqueológicas enquanto memórias físicas interpretáveis pelos visitantes, e a sua conservação enquanto memórias íntegras após a sua conservação e restauro, mantendo uma climatização natural, em harmonia com os séculos em que estiveram no terreno. Em termos de ética de intervenção este é o espaço de enorme sensibilidade pelo que se procurou uma abstracção máxima da intervenção arquitectónica. Aqui, a intervenção arquitectónica é apenas suporte físico, em harmoniosa sintonia com o delicado projecto de estruturas sobretudo na suspensão das falsas abóbadas das três salas dos banhos e das colunas da casa nobre da família Barreto. A iluminação da autoria do Eng. Luminoteca Luís Ribeiro complementa o sentido da concepção museológica, contribuindo para a ambiência e espírito de lugar de memórias de múltiplas vivências.

O circuito de visita procura assegurar uma visualização articulada com a compreensão funcional de ambas as evidências arqueológicas considerando as recomendáveis regras de segurança e de fruição. A sala dos serviços educativos, como anteriormente referido, localiza-se junto da entrada e dispõe de uma organização funcional adaptável com espaços de arrumação integrados



2.3.15. Vitrines integradas na sala expositiva.
(fotografia: Filipa Bernardo)



2.3.16. Esquisso de trabalho: estabelecendo relações volumétrico-formais.
(autor: Victor Mestre)

nas paredes permitindo flexibilidade de uso; poderá assim funcionar como pequeno auditório para diverso tipo de eventos. Este espaço relaciona-se com o pátio exterior enquanto continuidade de actividades, diurnas e nocturnas. Espera-se inclusivamente que venha a constituir-se num local de referência com projecção de filmes e outros eventos que poderão beneficiar das temperaturas amenas de Loulé. No futuro próximo temos a expectativa de beneficiar das sombras das árvores tradicionais do Mediterrâneo plantadas nas floreiras, cuidadosamente dispostas sobre o protegido chão arqueológico pelo Arq.^{to} Paisagista Luís Cabral.

Ao participar neste desígnio maior da autarquia para o centro histórico de Loulé no plano do projecto de arquitectura, da coordenação das restantes especialidades, e integrados numa extensa equipa de profissionais, acrescenta-se aquela que será mais uma camada estratigráfica no longo e valioso percurso sociocultural de uma das mais singulares cidades do Algarve Mediterrânico e Atlântico.

BIBLIOGRAFIA

- ARRUDA, Ana Margarida (2017). As ocupações antigas da Quinta do Lago (Almansil, Loulé). In António Carvalho, Dália Paulo e Rui Roberto de Almeida (coord.), *Loulé. Territórios, Memórias, Identidades* [Catálogo da Exposição], pp. 292-300. Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia/Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- BENJAMIM, Walter (1992). *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa, Relógio d'Água.
- BRAUDEL, Fernand (1987). *O Mediterrâneo*. Lisboa, Editorial Teorema.
- BRAUDEL, Fernand (2001). *Memória do Mediterrâneo. Pré-História e Antiguidade*. Lisboa, Terramar.
- DUARTE, Carlos (dir.) (1986). *Castelo de Loulé – Estudo de Salvaguarda e Inserção Urbanística*. Loulé, Câmara Municipal de Loulé.
- GONÇALVES, Victor dos Santos e SOUSA, Ana Catarina (2017). Serra e mar. As antigas sociedades camponesas em Loulé (Algarve). In António Carvalho, Dália Paulo e Rui Roberto de Almeida (coord.), *Loulé. Territórios, Memórias, Identidades* [Catálogo da Exposição], pp. 60-196. Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia/Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- KUBLER, George (2004). *A forma do tempo – Observações sobre a história dos objectos* (4.ª edição). Lisboa, Nova Vega.
- MATVEJEVITCH, Predrag (2009). *Breviário Mediterrânico. Uma visão deslumbrante da história e da vida do Mediterrâneo*. Lisboa, Quetzal.
- PALLASMAA, Juhani (2005). *The Eyes of the Skin. Architecture and the senses*. Chichester, John Wiley & Sons.
- PALLASMAA, Juhani (2011). *The Embodied Image. Imagination and Imagery in Architecture*. Chichester, John Wiley & Sons.
- RIBEIRO, Orlando (1987). *Mediterrâneo. Ambiente e Tradição* (2.ª edição). Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- RIEGL, Alois (2016). *O Culto Moderno dos Monumentos e outros ensaios estéticos*. Lisboa, Edições 70.
- SCHWARZENBACHM, Annemarie (2017). *Inverno no Próximo Oriente. Diário de Uma Viagem*. Lisboa, Relógio d'Água.
- TUAN, Yi-Fu (2011). *Space and Place. The Perspective of Experience* (11.ª edição). Minneapolis, University of Minnesota Press.
- MESTRE, Victor (2017). De Onde Vêm as Casas? *Al-Madan On-line*, II Série - 21(tomo 1), 6-8. https://issuu.com/almadan/docs/al-madanonline21_1 (consultado em 01 de agosto de 2022).
- MESTRE, Victor (2017). A Viagem do Tempo. O viço, essa beleza instável que se projecta na paisagem patrimonial. *Al-Madan On-line*, II Série - 21(tomo 2), 6-7. Disponível em https://issuu.com/almadan/docs/al-madanonline21_2 (consultado em 01 de agosto de 2022).
- VIEGAS, Catarina (2017). Loulé Romana: um território entre cidades. In António Carvalho, Dália Paulo e Rui Roberto de Almeida (coord.), *Loulé. Territórios, Memórias, Identidades* [Catálogo da Exposição], pp. 266-276. Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia/Imprensa Nacional-Casa da Moeda.